

## *Vitorino Nemésio:* *homem culto – semeador de cultura*

*Antônio João Silvestre Mottin*

---

A presente comunicação pretende abordar Vitorino Nemésio em duas dimensões: o homem culto; o semeador de cultura.

### *O homem culto*

No dia 19 de dezembro de 1901, nasceu Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, filho de Vitorino Gomes da Silva e Dona Maria da Glória Mendes Pinheiro, na Praia da Vitória, Ilha Terceira, Açores. Desde logo afeiçoou-se ao clima e ao panorama das ilhas: as fontes rajadas dos vendavais, os frios invernais, as belezas da estação primaveril. Tudo lhe alimentava a alma, tudo lhe coloria as pupilas, mais tarde saberia restituir aos ilhéus e aos leitores em seus poemas, cantos e romances. Teve educação cristã na família e na comunidade local.

Concluiu em 1912, os estudos primários na Praia da Vitória. Em 1918 terminou o Curso geral nos Liceus de Angra e da Horta, na ilha do Faial.

Aos quinze anos estreava na publicação do volume de versos *Canto matinal*, ao mesmo tempo estava na Direção da revista *Estrela d'Alva*.

O pai, além de comerciante, era músico amador, soube transmitir ao filho o gosto das belas artes. Aos dez anos já freqüentava as páginas de Camilo Castelo Branco, que lhe foram amoldando o estilo.

Em 1918, assentou praça como voluntário, em Angra. No ano seguinte realizou a primeira viagem a Lisboa.

Em 1920, na Terceira, viabilizou a publicação do conjunto de sonetos *A fala das quatro flores*, e da peça de teatro *Amor de nunca mais*.

No ano seguinte, iniciou-se no jornalismo profissional como repórter de *A Pátria*. Em outubro, instalou-se em Coimbra a fim de preparar o 7º ano liceal de Letras. Em 1922, publicou *Nave etérea*; matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra. Em 1923, faleceu o pai na Praia da Vitória. Foi contratado no cargo de Revisor da Imprensa da Universidade, pelo Reitor Joaquim de Carvalho. Ao mesmo tempo prosseguiu o curso de Direito; matriculou-se, outrossim, no Curso de História e Geografia da Faculdade de Letras.

Ao mesmo tempo colaborava nas revistas *Bysancio* e *Conimbriga*. Elemento integrante do Orfeão Acadêmico percorreu as cidades de Salamanca, Valladolid e Madrid. Teve a felicidade de inaugurar encontros com Miguel de Unamuno e Ortega Y Gasset.

Em 1924, publicou o volume de contos *Paço do Milhafre*, prefaciado por Afonso Lopes Vieira. Nesse ano abandonou o Direito e ingressou no curso de Filologia Românica. Esteve presente como co-fundador da revista *Triptico*, junto com Afonso Duarte, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. Formava-se assim o homem culto, o literato polivalente.

Participava do grupo *Seara Nova* em que também publicava artigos e poemas.

No dia 12 de fevereiro de 1926, realizou o enlace matrimonial, em Coimbra, com Dona Gabriela Monjardino. Em novembro do mesmo ano nasceu-lhe a filha Georgina. No ano seguinte publicou o romance *Varanda de Pilatos*. Em 1929, nasceu o segundo filho: Jorge. Iniciou a correspondência com o Reitor de Salamanca, Miguel de Unamuno. Em 1930, considerando-se injustiçado, transferiu-se para o Curso de Filologia Românica, de Lisboa. Colaborou com poemas na revista *Presença* (nº 27 e 29). Em julho nasceu o filho Manuel.

Em 1931, concluiu com brilhantismo o Curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi contratado de imediato para professor auxiliar de Literatura Italiana. Em dezembro nasceu a filha Ana Paula.

Em 1932, publicou volume de ensaios *Sob os signos de agora*. Começou a trabalhar intensamente no doutoramento que se concluirá em Coimbra em 1934, com a aprovação da tese *A mocidade de Herculano até a Volta do exílio* (2 volumes). Na mesma época publi-

cava *Alguns aspectos da prosa medieval* de Fernão Lopes; tradução de *O que é vivo e que é morto na filosofia de Hegel*, de Benedetto Croce.

Em 1935, exerceu a docência como Leitor na Universidade de Montpellier na categoria de *chargé de cours*. Instalou-se no Collège des Ecosais. Nessa época ocupou o tempo em leituras intensas de poetas franceses contemporâneos e na publicação de um livro de versos franceses *La voyelle promise*.

Em 1936, enfrentou o concurso para professor extraordinário, com a tese *Relações francesas do Romantismo português*.

A convite do Prof. Georges Le Gentil foi a Paris onde manteve contatos com Jules Supervielle e Valéry Larbaud.

Publicou no mesmo ano a biografia de Isabel de Aragão, *Rainha Santa*.

Em 1937, fundou e dirigiu até 1940 a *Revista de Portugal*, representou tácita reação ao grupismo da *Presença* (1927-1940).

Aconteceu, também, a publicação do livro de novelas *A casa fechada*.

1938 foi assinalado com a publicação dos poemas *O bicho harmonioso* e a coletânea de ensaios *Études portugaises*.

Em 1939, passou a lecionar na Universidade de Bruxelas, primeiro como *maître de conférences* e depois como *professeur agrégé*.

Fato interessante: aí iniciou nos estudos portugueses a sua futura assistente e sucessora de cátedra na Universidade de Lisboa, Andréa Crabbé Rocha, esposa de Adolfo Rocha, ou melhor conhecido como Miguel Torga.

Em 1940, voltou a Portugal, aprovado, em concurso de Filologia Românica, Professor Catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Publicou, no mesmo ano o nº 10 da *Revista de Portugal*, onde se encontra o conjunto de poemas *Eu comovido a Oeste*.

Ao percorrer o *Escorço Bibliográfico*, afirma-se "Os anos quarenta foram assinalados pelo aparecimento de obras ainda mais decisivas". Em 1944, apareceu o romance *Mau tempo no canal*, obra prima do autor e "uma das indiscutíveis obras-primas de toda a ficção portuguesa". Publicou ainda em 1949: *O mistério do Paço do Milhafre*, reedição muito renovada (1949); a novela *Quatro prisões* debaixo *Das armas*. No mesmo decênio realizou alguns dos melhores estudos críticos sobre os clássicos da literatura: *Gil Vicente, Floresta de enganos*, 1941; *Gomes Leal, Poesias escolhidas*, 1942; *Bocage, Sonetos e poesias várias*, 1943; *Moniz Barreto, Ensaios de crítica*, 1944.

Em 1950, elaborou *Festa redonda*, sávido e sapiente conjunto de décimas e cantigas oferecidas ao povo da Ilha Terceira.

A sua produção literária se avolumou nas décadas subseqüentes: *Nem toda a noite a vida*, 1953; *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*, *O pão e a culpa*, 1955; *Corsário das ilhas*, 1956; *Retrato do sementeiro e conhecimento de poesia*, 1958; *O verbo e a morte*, *O cavalo encantado*, 1963; *Andamento Holandês e poemas graves, e Romance, existência e visão do mundo*, 1964; *Viagens ao pé da porta*, 1965; *Caatinga e terra caída*, 1968; *La Génération Portugaise de 1870/1971*; *Jornal do Observador*, 1974; *Era do átomo/crise do homem*, 1976.

O homem, o literato, o professor, numa palavra o *homem culto*, teve seus trabalhos reconhecidos por diversos organismos de projeção nacional e internacional: desde 1963, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, que em 1944, lhe outorga o Prêmio Ricardo Malheiros, agraciado com diversas condecorações portuguesas, francesas e brasileiras; distinguido com o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Montpellier, 1965; *Prêmio International Montaigne*, 1974.

Ao contemplar a obra imensa e diversificada de Vitorino Nemésio poder-se-ia pensar em pessoa dispersa, longe disso, dos riscos da superficialidade soube proteger-se por obra e graça da poesia.

Na última lição que proferiu, em 9 de dezembro de 1971, no grande anfiteatro da Universidade de Lisboa, assim se despedia da cátedra, dos alunos e dos colegas:

“Toda a vida estudei de tudo e o mais que podia para o que desse e viesse. Não me preparava dia-a-dia para amanhã e depois ou racionando, como a formiga, do verão propício ao inverno rigoroso. Mas talvez não fosse apenas leviano, como a cigarra, pois nunca tive de dançar no inverno e cantei sempre.”

O professor em Montpellier, em Bruxelas, Lisboa; em suas viagens ao Brasil, soube ministrar aulas magistrais nas universidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Porto Alegre e do Recife.

O pai de família que soube viver ministrando sábia educação aos quatro filhos, guiando-os no caminho do saber e da cultura como também na trilha do Evangelho de Jesus Cristo.

O crítico e o historiador soube perlmustrar e estudar com profundidade a Literatura Portuguesa dos primeiros séculos como também dos autores do romantismo e modernismo. Numa palavra, Vitorino Nemésio foi o homem culto de Portugal nos três memoráveis quartéis do século XX.

David Mourão Ferreira encerra o *Escoço biobibliográfico*, com as palavras: “Com Vitorino Nemésio desaparecia, além de um humanista incomparável, talvez o mais dotado romancista que tivemos depois de Eça de Queirós e, sem dúvida, o maior poeta que entre nós viveu depois de Fernando Pessoa”.

## O sementeiro de cultura

“O sementeiro saiu a semear sua semente”, assim começa o relato da parábola, no Evangelho de Lucas (Lc 8-5). Vitorino Nemésio começou cedo a jornada que terminaria muito tempo depois ou que ainda não terminou pois a sementeira estar-se-á realizando enquanto existir a Língua Portuguesa, enquanto um texto nemésiano for lido...

Em 1958, publicou o poema *Retrato de sementeiro*, em que se pode observar os traços que o caracterizam e o identificam.

Pode-se acompanhar a trajetória do *Sementeiro* através dos anos dedicados à poesia, à cátedra e às viagens. Daí decorrem os títulos: o poeta, o narrador, o professor e o viajor-conferencista.

## O poeta

Ainda adolescente saiu a semear a boa nova da poesia em *Canto matinal e Nave etérea*. Conforme o estudo de António José Barreiros, a vasta obra poética pode dividir-se em dois ciclos balizados por *Nem toda a noite a vida*. No primeiro canta as saudades da infância na Ilha; no segundo, as suas preocupações filosóficas e religiosas, o choque frontal com a Graça. No prefácio a *Poesia* (1935-1940):

“A obra *Eu comovido a Oeste* desenha o que se possa chamar o meu pensamento poético com os temas coerentes e reiterados do sentido da existência pela representação: o mundo da infância no microcosmo da Ilha; o isolamento no seio de uma comunidade patriarcal; a revelação de Deus e do próximo na vizinhança e na família, do destino no amor e na promessa da morte” (p. 19).

Ponto saliente na sementeira de Nemésio é a preocupação religiosa e filosófica, muito presente no livro *O pão e a culpa*, publicado em 1955, em que se mostra profundamente tocado pela graça. O circunstancial, escreve António José Barreiros, e o etnográfico quase desaparecem e deixam o Poeta, uma vez por outra sob a influência de textos bíblicos e litúrgicos, a monologar com Deus, a invocar o Espírito Santo e os Anjos (devoções da infância), a segredar com os seus mortos, a cochichar com a própria alma.

Nos poemas de *O pão e a culpa*, o Poeta examina a sua consciência, toma atitudes penitenciais, pois sente culpa e remorso, arrepende-se e confia.

*O verbo e a morte* lembra as preocupações máximas da filosofia existencialista de caráter cristão.

Em *Limite de idade*, resultado de leitura perseverante de obras científicas, descobre-se forte densidade de imagens colhidas no campo lexical da ciência e da tecnologia moderna.

No prefácio escrito em 1961 assim se refere ao poema em francês:

“Para depor sobre a autenticidade das circunstâncias que me levaram a poetar em francês precisaria de um ensaio à parte, em que alegasse o relativo domínio de ofício de uma língua românica que para nós, portugueses, é segundo veículo de cultura, e uma situação existencial em ambiente francês que pôde reduzir ao domínio o artifício coloquial de semelhante recurso estilístico. Contento-me por agora em assinalar o símbolo-chave de *Voyelle PROMISSE*, isto é: como se à língua nativa, que a vogal portuguesa simbolize, uma vogal alheia lhe viesse, de *surcroît!*” (p. 20)

Outro traço importante na poesia de Vitorino Nemésio, é sem dúvida o erótico e o sensual como escreve Óscar Lopes (p. 782): “Parece-nos claro que isto se relaciona, na psicogênese dos investimentos afetivos, com a sexualidade agressivamente supercompensadora de ‘La voyelle promise’, sobretudo em ‘Le gazon violé’; com o auto-sarcasmo à inibição amorosa, bem sensível, por exemplo, em ‘A vaga verde’ e ‘O abuso da harmonia’, ambos de *O bicho harmonioso*.”

Assim vê-se quanto semeou de cultura o poeta e ainda hoje os seus versos germinam, crescem, reflorescem e dão abundantes colheitas.

### O narrador

A sementeira é grande e primorosa nos contos, novelas e romances.

*O mistério do Paço do Milhafre*, de 1949, é o único volume homogêneo de contos ilhéus. Óscar Lopes ressalta o valor específico de dois: “Os malhados”, 50 p. e “O Espelho da Morte”, 14 p. São alguns dos motivos condutores do *epos* de Nemésio.

Outro conto curioso “Varanda de Pilatos”, narrativa de costumes e de aprendizagem, trata de amores adolescentes e da paisagem natural e social da Terceira.

As novelas: *A casa fechada*, *O tubarão* e *Negócio de pomba* desenharam o panorama social de uma população insular.

*Mau tempo no canal* é considerado a obra-prima de Nemésio. Romance complexo e denso, corre do princípio ao fim estruturado em dois planos: o social, que analisa a paisagem e toda a população açoreana do primeiro quartel do século XX, e o psicológico, que expõe o conflito amoroso vivido nesse espaço e nesse tempo pela protagonista principal, Margarida Clark Dulmo.

No discurso ficcional, Vitorino Nemésio soube colocar muita vida, muita experiência vivida na Ilha Terceira e em Portugal e alhures na França, Bélgica e outros recantos da Europa. Nas páginas de ficção retrata vivências daqueles tempos e da hora presente, quais sementes germinam em cada leitor.

### O professor

A atividade de semeador de cultura se notabilizou nas salas de aula das Universidades de Lisboa, de Coimbra, de Montpellier, de Bruxelas e de Universidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Recife e de Porto Alegre. Como era belo e entusiasta vê-lo e sobretudo escutá-lo em suas exposições de matéria da historiografia literária, da crítica, da estilística. Em todas as aulas, preleções ou conferências sabia dar de si, de seu profundo saber, de sua contagiante cultura. Transmitir cultura é saber despertar nos ouvintes o desejo e a vontade de se cultivarem, de se aperfeiçoarem, de dotarem a sua pessoa de outras atitudes mais voltadas à valorização do interior e do espírito.

Vitorino Nemésio sabia manejar com maestria a língua portuguesa padrão e as suas formas dialetais açoreana e brasileira, por isso era tão apreciado em suas comunicações e palestras.

Antônio José Barreiros acentua: “Rondando ora o grave ora o anedótico, esta linguagem é de uma comunicabilidade transbordante de simpatia. num jeito muito seu de oralidade, quebra a monotonia do ritmo pendular da prosódia, que desenvolve em conscientes assimetrias e condimenta de vez em quando com trocadilhos e jogos de paronímia ao gosto neobarroco” (p. 476).

O professor Fernando Cristóvão, em *Colóquio/Letras* de março de 1979, ao celebrar o primeiro aniversário de falecimento de Vitorino Nemésio compôs o artigo “Nemésio: uma perspectiva crítica do Brasil”. Assim se expressa:

"Professor e escritor mais por imperativo existencial que profissional, perscrutador e artífice da palavra, foi 'em couro de verbo' que naturalmente traduziu o seu contributo para a aproximação cultural e literária dos dois povos irmãos" (p. 23).

Mais adiante, destaca-se o parágrafo:

"A crítica literária de temática brasileira é em Nemésio episódica, e sempre ligada, no teor e na circunstância, à uma atividade docente. Volta-se mais para os poetas que para os provadores, demonstrando, até nisso, a determinante maior da sua condição de criador literário, e diversifica-se em três linhas principais: na da seletividade das antologias, na das análises de compreensão e nas crônicas jornalísticas" (p. 26).

O eminente ensaísta Eduardo Lourenço publicou excelente artigo sob o título – "Nemésio: *clown* de Deus, uma glosa lírica a limite de idade". Toma-se, por exemplo, o parágrafo em que se refere ao domínio das novas tecnologias:

"No mundo da informática e dos robôs próximos que lhe fornece 'imagens' novas mas não mais insólitas do que sempre foram as suas, o poeta de *Limite de idade* conserva e reforça o cordão umbilical que o liga não apenas à terra perdida e viva das gerações, mas à pura e viva infância de ilhéu outrora e agora feliz de se rememorar boieiro junqueirianamente morto como seu bisavô:

Não negarei poesia de antes  
com poesia de depois  
Mas sim direi com moléculas:  
Fosse eu niño dos bois!  
Sim, o menino da agulhada  
Do meu bisavô boieiro:  
Dono de bois,  
Dono de bois..." (p. 20 de *Colóquio/Letras*, n. 48).

E ao terminar o artigo Lourenço escreve:

"É nesta íntima sístole e diástole de angústia e humor que o poeta de *Eu comovido a Oeste* joga na praça da vida e de Deus o seu destino de poeta metafísico que nunca se tomou a sério senão sob a máscara burlesca da contorção verbal ou da contrição do pecador. Sem máscara aparente pode interrogar a esfinge com a ressonância do verbo heideggeriano:

Quando voltará o sentido à casa do Homem?  
Quando chegará a Loucura à árvore do Símio  
E o Siso ao Equinoderme  
Cucumária abissal esmagada nas ondas?" (Ibidem, p. 22)

Pode-se concluir estas poucas observações sobre o professor, sobre o conferencista, sobre o semeador de cultura, com as palavras de Jacinto do Prado Coelho, escritas no *Colóquio/Letras*, nº 42, de março de 1978, poucas semanas após o falecimento:

"Em Nemésio coexistem, defrontam-se, o eterno saudoso das ilhas a *Oeste-infância*, família, centepassados, povo que trabalha, montanhas, furnas, o mar, o risco, a distância – e o vago de olhos curiosos bem abertos, insaciáveis ('Minha mãezinha ao longe, e eu nato andante'), cosmopolita apesar de castiço, poeta francês em França ou na Bélgica, poeta brasileiro no Brasil, com receptividade e poder mimético admiráveis, escritor europeu (Prémio Montaigne por ato de justiça que tardava) que é preciso ler na intertextualidade mais ampla, num quadro de referência onde, por exemplo, se encontram um Pascal e um Unamuno, um Rilke e um Ortega, um Valéry e um Heidegger, não faltando entre os portugueses Camões e Pessoa, claro, e Nobre, Pessanha, Raul Brandão, Pascoaes" (p. 5).

### Referências bibliográficas

- NEMÉSIO, Vitorino. *A mocidade de Herculano*. Lisboa: Bertrand, 1978. v. 1.  
———. *Poesia*. Lisboa: Bertrand, 1986.  
———. *Sapateia açoriana, andamento holandês e outros poemas*. Lisboa: Arcádia, 1976.  
BARREIROS, António José. *História da literatura portuguesa; séc. XIX e XX*. 8. ed. Lisboa, 1979. v. 2.  
COELHO, Jacinto do Prado. Nemésio uma espécie de humildade. *Colóquio Letras*, n. 42, mar. 1978.  
CRISTÓVÃO, Fernando. Nemésio: uma perspectiva crítica do Brasil. *Colóquio/Letras*, n. 48, mar. 1979.  
GARCIA, José Martins. O drama camiliano de Vitorino Nemésio. *Colóquio/Letras*, n. 119, jan./mar. 1991.  
LANGENDORFF, Mathias. Vivência e poesia em *Andamento Holandês*. *Colóquio/Letras*, n. 135/136, jan./jun. 1995.  
LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.  
LOURENÇO, Eduardo. Nemésio *clown* de Deus. *Colóquio/Letras*, n. 48, mar. 1979.  
PIRES, António Machado. Nemésio e os Açores. *Colóquio/Letras*, n. 48, mar. 1979.